

O valor educacional da arte

A arte é uma das significativas manifestações da habilidade do ser humano para pensar e para aspirar algo que vá além da mera sobrevivência. Nos momentos de crise – que se tornam cada vez mais freqüentes – quando a degradação do ser humano chega ao ponto de violentar a própria espécie, censurando, amordaçando e até mesmo destruindo, a arte tem se caracterizado como uma das poucas manifestações que insiste em defender e preservar as idéias de liberdade e dignidade humanas. Em todos os tempos, em todas as épocas e em todos os povos, a expressão da arte tem marcado a capacidade de abstração do ser humano, a habilidade para usar símbolos que possibilitam uma das mais importantes conquistas da raça humana: a linguagem. Como expressão e como linguagem, a arte sintetiza uma parcela palpável, inconfundível da experiência humana. Todavia, apesar dos muitos séculos de produção artística, apesar de todo o desenvolvimento histórico e de uma constante discussão estética, ainda persiste a pergunta que é tão básica quanto elementar: qual o valor educacional da arte?

É irônica a constatação de que a busca dessa resposta não é privilégio somente dos leigos ou dos apreciadores ocasionais de arte. A mesma indagação permeia a comunidade dos artistas, dos professores e dos críticos de arte, causando apreensão – e às vezes pânico – entre aqueles que deveriam ser os interlocutores naturais, aqueles supostamente em condição de veicular a resposta ou alternativa para tal indagação.

A arte tem como premissa básica, o propósito de transformar impressões, percepções, sentimentos e idéias, dar forma às mesmas organizando-as de maneira inteligível.¹ O processo percepção-expressão é de fundamental importância nessa transformação, visto que é impossível expressar sentimentos ou idéias que não tenham sido percebidos ou experienciados em algum momento anterior à expressão. Essa transformação tem como principal característica, a elaboração das percepções, dos sentimentos e das idéias – o que consiste em experimentar as muitas e diferentes

possibilidades de organização para então optar por, ou explorar uma das modalidades de organização experimentadas

A arte não é uma simples repetição da natureza ou da vida, não é mera reprodução de uma realidade. é uma transformação que leva a uma visão intensificada dos fenômenos, das coisas e da própria vida. Essa transformação acontece pelo poder da forma estética, isto é, a capacidade de abstrair aspectos ou fragmentos das percepções, dos sentimentos e das idéias, organizando-os e concretizando-os de maneira expressiva. A forma estética não se caracteriza como um simples dado, não é algo que se encontre no mundo empírico ou que se desenvolva por meio da simples observação. Para se ter consciência da forma estética é necessário produzi-la, experimentá-la, experienciá-la, porque essa produção da forma estética depende de um ato específico e autônomo da mente humana. Não se pode falar da forma estética como parte, como elemento da natureza: a forma estética como elaboração, como transformação de percepções, de sentimentos e de idéias é produto da capacidade de abstração do indivíduo, é uma atividade mental e livre. A criação da obra de Arte implica no uso da atividade e da energia da mente humana. Esse processo de transformação - da forma a percepções, sentimentos e idéias - é cognitivo e portanto individual. Cada indivíduo percebe o mesmo fenômeno de maneira diferente e cada indivíduo, tem ou desenvolve uma maneira peculiar de transformar, de processar, de elaborar o todo ou parte, o aspecto, o fragmento do fenômeno observado, do fenômeno percebido. Alguns processos de transformação, pelo grau de sofisticação, de complexidade ou por uma ingenuidade característica, atraem atenção e interesse tornando-se referências, projetando indivíduos de diferentes países em diferentes épocas como mestres, expoentes no manuseio ou na criação desses processos de transformação. Esta especificidade diferencia a arte de outras áreas onde o conhecimento é construído por meio de processos menos específicos, em geral apoiados e veiculados pela linguagem verbal, o mais comum dos meios de expressão entre seres humanos.

As percepções, as emoções, os sentimentos, as idéias, como matéria-prima da arte são encontradas no emaranhado da experiência humana. Emergem de colisões e conflitos da vida e, como elementos altamente complexos da experiência humana, são difíceis de ser expressados.² A expressão de emoções e de sentimentos não pode ser confundida com as explosões biológicas de energia ou com a atividade ocasional do ser humano. A constatação de que estes elementos - percepções, emoções, sentimentos, idéias - são matéria-prima para a arte corresponde à constatação de que é necessário organizá-los de maneira inteligível para que adquiram significado. A pré-condição para serem transformados em arte é adquirirem um significado inteligível. O significado surge como resultado da compreensão do processo de transformação que possibilita que a matéria-prima processada, elaborada e refinada, seja organizada de maneira coerente, adquirindo assim inteligibilidade.

Este conhecimento deve gerar diferentes níveis de compreensão e domínio, capacitando os indivíduos a criar ou expressar significados artísticos.³

A arte é a construção e o refinamento de significados que são uma síntese concreta de percepções, de sentimentos e de idéias, organização e continuidade de aspectos de experiências vividas.⁴ O mundo das artes é um mundo que emerge acima do lugar comum muito embora o lugar comum possa ter sido a referência ou o ponto de partida. O comum é transformado em criação, às vezes, excepcional. É assim que a experiência artística transcende a prática adquirindo significado e autonomia.

Cada época gera as suas próprias expressões e objetos artísticos. A obra de arte persiste, continua porque tem significado que transcende o tempo e porque retrata algo que pode ser universal como experiência, algo que vale a pena ser estudado, ser discutido e apreciado. Como não é possível transportar expressões ou objetos de outra época para a nossa, é necessário penetrar, estudar e conhecer a vida da cultura que os produziu para vê-los e compreendê-los como parte das aspirações ou dos fracassos de outras épocas ou de outros povos. É necessário estudar e reestudar a obra de arte para experimentar e conhecer os seus significados, ou para encontrar sugestão para novos significados.

A obra de arte no momento da sua criação, cataliza o clima de opinião, a discussão, ou mesmo o sentimento de discordância da época, permeando ou deixando-se permeiar por valores que mesmo não sendo vigentes, emergem acima das ásperas ou das monótonas rotinas do cotidiano, adquirindo de maneira expressiva e por meio de uma linguagem peculiar o significado histórico.

A história da arte, assim como a história da música e a história do teatro, é um documento expressivo da história das idéias, traçando de maneira irrefutável a evolução do ser humano na sua trajetória sinuosa pontuada por momentos de inteligência e grandeza, momentos de irracionalidade e atrocidade, momentos paradoxais de ódio e de razão.

Para apreciar a obra de arte é necessário criá-la de alguma maneira. Não é possível estudar e entender uma obra de arte sem reconstruir — pelo menos até certo ponto ou em alguma medida — alguns dos processos criativos que foram ou poderiam ser usados possibilitando que a obra viesse a existir. A imaginação, como força propulsora para experimentos na tentativa de criar outras modalidades de combinação ou de organização dos elementos, transcende o aspecto das coisas fisicamente mortas, gerando um mundo de formas vivas que se movem buscando um equilíbrio que muitas vezes sugere o próprio desequilíbrio na sugestão de relações entre luz e sombra, ritmos e harmonias, movimento e ação, linhas e contornos:

É necessário construir e desenvolver essas formas para que se tenha consciência ou domínio delas. É este caráter da experiência estética que dá a arte um lugar especial na cultura humana e faz dela um elemento essencial na educação. São

poucas as experiências marcadas pela qualidade estética. Quando a qualidade estética está ausente, facilmente a experiência e a atividade por ela originada, tornam-se desinteressantes, mecânicas, sem sentido. O valor educacional da arte reside em ampliar a experiência estética, fazendo-a transcender os seus limites caracteristicamente artísticos contagiando assim outras atividades, encontrando nas mesmas significados até então desconhecidos ou, introduzindo novos elementos que tecidos à experiência comum transformem-na reelaborando-a, tornando-a mais profunda e mais rica em significados.

A rejeição de segmentos, de partes, ou ainda de momentos de uma cultura pode caracterizar o início de um conflito ou de uma crítica que ao tornar-se inevitável torna-se necessária. Todavia, um sintoma inequívoco de uma sociedade desenvolvida, em sintonia com a sua cultura, é a compreensão e a apreciação que demonstra pelos seus artistas.

BIBLIOGRAFIA

1. CASSIRER, Ernst. *Symbol, myth and culture*. New Haven, Yale University, 1979. p.211-2.
2. ——. *An essay on man*. New Haven, Yale University, 1962. p.165-7.
3. MARTINS, Raimundo. Sentir ou pensar? O paradoxo do conhecimento em música. *Em Pauta*, Porto Alegre, CPG Mestrado em Música – UFRGS, 1(1):7-11, dez. 1989.
4. EAMES, S. Morris. *Pragmatic naturalism*. Carbondale, Southern Illinois University, 1977. 165p.

RAIMUNDO MARTINS Doutor em Educação Musical, Southern Illinois University, Carbondale, USA; Prof. Adjunto de Educação Musical do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS; Prof. do CPG Mestrado em Música – UFRGS; Editor da Revista OPUS da ANPPOM; Diretor do Instituto de Artes – UFRGS.